

Edgar Morin: pensamento para tempos de crise.

Thiago Tuna Franco *

Resumo

O autor ilustra a situação de crise como se a Terra fosse um avião quadrimotor, sendo seus motores a ciência, a técnica, a economia e o lucro; entretanto esta aeronave encontra-se sem piloto vagando rumo a catástrofes. O autor então nos questiona sobre qual seria nosso caminho. A metáfora do veículo movido por um quadrimotor que, de maneira desordenada, nos aponta ao abismo, traz dois possíveis futuros: a catástrofe ou um processo de metamorfose. Podemos perceber, através do autor, que a busca desenfreada das sociedades por progresso, desenvolvimento científico e técnico, ou seja, a exaltação da razão culminou no que o mesmo denomina crise planetária. Uma policrise, algo que seria generalizado entre as civilizações, presente em todas as áreas do saber, em todos os domínios da ciência. Assim compreendemos melhor o que Morin chama de crise planetária. Tal questão é o ponto principal desta comunicação, buscar no pensamento de Edgar Morin o papel e lugar da religião em meio a essa crise planetária, tentar compreender o que ele chama de evangelho da perdição ou dos homens perdidos na crise planetária. Assim o evangelho dos homens perdidos nos diz para sermos irmãos não porque seremos salvos, mas porque estamos perdidos. Deveríamos mergulhar na nossa humanidade para viver autenticamente nossa comunidade de destino de vida e morte terrestre. Ser então irmãos por solidariedade um com o outro.

* Mestrando em Ciências da Religião pelo PPGCR da PUC MINAS.

Introdução

Crise, inicialmente um termo vindo a luz na medicina de Hipócrates, que indicava a transformação ocorrida no curso de uma doença em sentido favorável ou não. (ABBAGNANO, 2003, p.222).

Edgar Morin é um pensador que se viu em meio a crises de várias naturezas, como familiares, políticas e de pensamento. Sua obra segue essa mesma trajetória, ou seja, através da análise de crises, como a da modernidade, do pensamento científico e do que o mesmo denomina crise planetária.

Nasce em 8 de julho de 1921, filho de Vidal Nahoum e Luna Beressi. De origem judaica é descendente dos judeus marranos; porém, jamais se sentiu judeu, embora portador do sofrimento deste povo, na universalidade dos sem pátria.

Meus pais não haviam abandonado uma pátria. Haviam abandonado uma cidade, Salônica, que forjou sua civilização no seio de um império, o otomano. De origem livornesa, minha família havia recebido a nacionalidade italiana no século passado, e meus pais estavam em processo de afrancesamento na época de meu nascimento. (MORIN, 2003, p.15).

A dificuldade de Morin em se definir por uma área do conhecimento começa na dificuldade de definir sua origem, mais especificamente a origem de seus pais (ALMEIDA, 2004). Como eles, torna-se um apátrida. Entretanto, na sua infância, por meio da escola começa a se reconhecer na França, absorvendo sua história e integrando-se como filho desta (MORIN, 2003). O que ele absorveu porém de sua família, principalmente de seu pai?

... meu pai não me ensinou uma tradição e um saber, normas e crenças. Não me entregou nenhuma verdade religiosa, nenhum princípio político. Ele possuía e era possuído, entretanto, pela religião da família, que compreendia o culto dos ancestrais e a ética espontânea da solidariedade familiar. Eu não herdei esta cultura, muito antiga e profunda. Primeiramente, porque era filho único no seio de uma geração que viu operar-se a desintegração da grande família; mas, sobretudo, porque após a morte de minha mãe, a partir de meus dez anos, afastei-me, separei-me psiquicamente de meus parentes. (MORIN, 2003, p.13).

A perda da mãe, em 1931, é algo irreparável na trajetória de Morin. Corinne Beressi, irmã da mãe, torna-se a segunda esposa de Vidal. Problema crucial de sua identidade, sua crise primeira a familiar será o ponto de partida de sua caminhada. Morin nos relata: “Mas o que aprendi, não de minha família, mas na minha família, foi o mais importante de tudo: aprendi, aos nove anos, o que é a morte” (MORIN, 2003, p.14).

A questão da morte passa então desde muito cedo, a ser um problema que vai permear sua obra, gerando o livro “O homem e a morte”; trata-se de um trabalho que traz o embrião do que viria a ser a teoria do pensamento complexo moriniano, para o qual ele utiliza diversas áreas do saber, visando pesquisar o tema proposto. Para dar conta desse pressuposto, a religação da cultura científica e da cultura das humanidades, mais a presença de um viés lúdico, convertem-se em exigências fundamentais dessa ciência do homem transdisciplinar. A antropologia do pensamento complexo, que vai se iniciar com o *Homem e a morte*, escrito em 1951, configurar-se-á, todavia, através do colóquio pluridisciplinar

Ao ser questionado pela entrevistadora Djénane Kareh Tager, no livro *Meu Caminho*, sobre como teria sido sua vida se Luna, sua mãe, não tivesse morrido, ele próprio se questiona, enquanto responde:

Quem teria sido eu? Teria em mim tudo o que hoje em dia me impulsiona e que denominei meus “demônios”? A busca de minhas verdades foi desperta, estimulada pelo fato de que meu pai, que me criou, não me transmitiu cultura? Teria eu desenvolvido, mesmo que parcialmente, o que se tornou meu eu? Não sei. Meu destino cristalizou-se com essa morte. Não posso imaginá-lo de forma diferente. (MORIN, 2010, p.21)

A partir da ascensão do nazismo em 1933, a militância política assume papel de destaque em seu pensamento. Membro da resistência francesa durante a segunda Guerra Mundial, Edgar assume o sobrenome Morin e o incorpora definitivamente ao nome original. Vive intensamente a segunda guerra mundial, entretanto se identificando com a resistência francesa, e nela atuando, do que se assumindo judeu em um momento delicado para seu povo.

Licencia-se em História, Geografia e Direito pela Sorbonne e filia-se ao partido Comunista (1941-1949). Em função de seu desligamento do partido, em 1959 publica *Autocrítica*, texto que trabalha o caráter autoritário presente na militância e nas decisões da esquerda.

Além das crises familiares e de engajamento político, temos em nosso personagem sua mais importante crise na teoria que culminou no pensamento complexo. Mesmo o embrião desta teoria já se encontrando em seus primeiros escritos, é em 1968, quando passa um ano na Califórnia, como sociólogo do Instituto Salk para refletir sobre as implicações e consequências sociais da biologia.

A permanência no Instituto Salk produz uma reorganização genética em seu pensamento, que passa a incorporar contribuições advindas da cibernética, da teoria dos sistemas, da teoria da informação e da biologia molecular, construindo as bases epistemológicas do pensamento complexo. Seu pensamento passa por um momento de crise, entretanto uma crise construtiva, onde suas teorias se metamorfoseiam para assimilar as contribuições das novas áreas do conhecimento as quais é apresentado nos Estados Unidos. Morin, realiza a difícil tarefa de trazer uma complexidade presente na cibernética, na teoria da informação e dos sistemas para as ciências humanas, religando-as.

1. A Crise moriniana.

O autor nos diz que “A crise não é o contrário do desenvolvimento, mas a própria forma deste” (MORIN, 2010). Ilustra a situação de crise como se a Terra fosse um avião quadrimotor, sendo seus motores a ciência, a técnica, a economia e o lucro; entretanto, esta aeronave encontra-se sem piloto, vagando rumo a catástrofes. (MORIN, 2010, p.265)

Assim, o antagonismo que se afirma e se estende, sem reações nem ações para o combate, contribui para agravar a crise do político, a crise da consciência, a crise do pensamento, a crise da civilização, e essas crises se combinam com todas as outras crises para constituir a gigantesca crise planetária que se aprofunda e se agrava. A crise que se aprofunda e se amplifica conduz ao desastre ou a superação? (MORIN, 2011, p.187).

Morin não nos traz nenhuma proposta de conduta para tempos de crise. Afinal, para ele a própria crise pode nos trazer “desvios saudáveis” (MORIN, 2010, P.267); exemplo disso é a morte de sua mãe e que, em verdade, e segundo sua própria visão, encaminhou-o para percursos de maiores perplexidades e mais questionamentos e que seria a vida de tonos nós, um rumo ao abismo. (MORIN, 2010, p.265) A metáfora do veículo movido por um quadrimotor que, de maneira desordenada, direciona para o abismo, traz dois possíveis futuros: a catástrofe ou um processo de metamorfose.

Essas idéias nos trazem a noção mais de uma metamorfose que de uma reforma ou revolução, já que tais ações são consideradas pelo autor como insuficientes, pois nos encontramos no início de um caos (MORIN, 2011, p.188). “O caos pode ser destruidor, pode ser genésico, trata-se, talvez, da última oportunidade no último risco” (MORIN, 2011, p.188). Morin consegue soar trágico e esperançoso ao mesmo, ao nos abrir dois caminhos distintos e opostos, sendo a escolha de um a negação do outro e das possibilidades que o mesmo traz.

Já lhe citei o outono de 1941, no qual a muito provável queda da União Soviética e a muito provável dominação nazista sobre toda a Europa começaram a perder sua probabilidade em dezembro daquele ano. Poderia citar-lhes as guerras médicas, há vinte e cinco séculos: era mais do que provável que o imenso Império Persa absorvesse a pequena cidade que era Atenas. Ora, uma primeira vez, o exército ateniense repele o exército persa, em Maratona; uma segunda vez, a Pérsia ocupa, incendeia e destrói Atenas. Mas a frota grega prepara uma armadilha para a frota persa e, lá, o improvável acontece. A dupla consequência desses dois acontecimentos improváveis foi, cinquenta anos mais tarde, o nascimento da democracia e o nascimento da filosofia. (MORIN, 2010, p.265-266).

Desse modo, a crise, através do olhar moriniano, seria um gancho para o processo de metamorfose, mas, aquela que traz um “desvio saudável” (MORIN, 2010, P.267), abrindo possibilidades diferentes da catástrofe planetária, para a qual Morin nos chama a atenção.

Através do autor, percebemos que a busca desenfreada por progresso, desenvolvimento científico e técnico, pelas sociedades, ou seja, a exaltação da razão culminou no que o mesmo denomina crise planetária. Uma policrise, algo generalizado entre as civilizações, presente em todas as áreas do saber, em todos os domínios da ciência.

(PETRAGLIA, 1995, p. 63-64). Assim compreendemos melhor o que Morin chama de crise planetária. Neste momento metamórfico de uma policrise “há uma busca da unidade do verdadeiro, do bem, do belo, da restauração da comunhão e do sagrado. Nas ruínas de tudo o que o progresso destruiu, ele próprio doravante em ruína, há uma busca de verdades perdidas...” (MORIN, 1995, p. 87). Há ainda esperança em meio a crise planetária, afinal busca-se em “verdades perdidas”, em um olhar para o que passou, um rumo para o navio quadrimotor, diferente do abismo que se mostra próximo.

Morin prossegue:

Estamos inseridos mais e mais profundamente na crise da humanidade. Mas a própria profundidade da crise indica a esperança improvável. Quando um sistema é incapaz de tratar seus problemas vitais, ou ele se desintegra ou suscita nele mesmo um metassistema mais rico, capaz de tratar seus problemas, ou seja, de metamorfosear-se. Ora, o sistema Terra não pode tratar seus problemas fundamentais, os da fome, da miséria, das migrações, da degradação ecológica, da difusão e multiplicação de armas de destruição em massa e da eclosão de ódios ideológico-religiosos. Ele está condenado a se desintegrar ou a metamorfosear-se. (MORIN, 2010, p.268)

Assim chegamos à grande crise da corrida pelo desenvolvimento, lembra-nos ele, pela supremacia da razão. A busca por progresso culmina numa grande crise que Morin chama de planetária:

Este desenvolvimento permitiu o desafogo individual, a intimidade no amor e na amizade, a comunicação do teu e do meu, a telecomunicação entre cada um e nós; mas este mesmo desenvolvimento trouxe também a automatização dos indivíduos, que perdem as solidariedades antigas sem adquirirem novas, a não ser anônimas e administrativas. (MORIN, 1995, p. 68)

Tornarmo-nos, por fim, moldados por nossas formações (não importando qual seja a área do saber), perdendo assim, aquela bela ingenuidade de olhar. Um olhar que não conhece os obstáculos que as teorias existentes levantam contra a elaboração de uma nova visão. É quando Morin nos convida a um abrir dos olhos:

Daí decorre a necessidade de destacar, em qualquer educação, as grandes interrogações sobre nossas possibilidades de conhecer. Pôr em prática essas interrogações constitui o oxigênio de qualquer proposta de conhecimento. Assim como o oxigênio matava os seres vivos primitivos até que a vida utilizasse esse corruptor como desintoxicante, da mesma forma a incerteza, que mata o conhecimento simplista, é o desintoxicante do conhecimento complexo. De qualquer forma, o conhecimento permanece como uma aventura para a qual a educação deve fornecer o apoio indispensável. (MORIN, 2004, p.31).

Ao nos determos sobre tais apontamentos, podemos captar um pouco mais sobre a proposta do pensamento complexo e o que Morin nomeia de crise planetária. Não nos esqueçamos que, mesmo neste momento metamórfico de uma policrise, “há uma busca da unidade do verdadeiro, do bem, do belo, da restauração da comunhão e do sagrado. Nas ruínas de tudo o que o progresso destruiu, ele próprio doravante em ruína, há uma busca de verdades perdidas...” (MORIN, 1995, p. 87).

2. O pensamento complexo e a crítica moriniana a ciência.

Morin embasa a necessidade e a urgência de um modo de pensamento que seja complexo, em todas as sociedades e nas diversas áreas do saber, para que se assimile que os limites e as insuficiências de um pensamento simplificador não expressam as idéias de unidade e diversidade presentes no todo. Considera ele que a humanidade está vivendo um momento crítico, a que chama de agonia planetária, e adverte-nos para a necessária tomada de consciência de que a ética está associada a solidariedade. Referindo-se ao conceito de crise que utiliza, nos esclarece que “A crise não é o contrário do desenvolvimento, mas a própria forma deste” (MORIN, 1981). Eis pois o pensamento complexo, forma de pensar em que baseia seu método, e que configuraria o pensamento desse tempo de crise. Em outras palavras, se a crise é um processo complexo, para sobrevivermos a um momento gerado por fatores complexos devemos, outrossim, pensar de maneira complexa.

Assim, a ciência não é somente uma acumulação de verdades verdadeiras. Digamos mais, continuando Popper: é um campo sempre aberto onde se combatem não só as teorias mas também os princípios de explicação, isto é,

também as visões do mundo e os postulados metafísicos. Mas este combate tem e mantém as suas regras do jogo: o respeito a obediência dos dados, por um lado; a obediência a critérios de coerência, por outro lado. É a obediência a esta regra do jogo por debatentes-combatentes que aceitam sem equívoco esta regra que constitui a superioridade da ciência sobre qualquer outra forma de conhecimento. (MORIN, 1982, p. 32)

Podemos perceber que a ciência avança para caminhos antes destinados apenas a temas de cinema, em filmes de ficção científica. Com o passar do tempo, o homem chega mais perto da descrição de Francis Bacon (1561-1626) sobre a dominação da natureza e, por vezes, realmente procurando subjugar-lá, para que esta siga a vontade humana e não o curso que seguiria sem tal intervenção.

A natureza, em um exercício catártico, revira-se e se refaz, lutando para manter seu curso. Encontramos vulcões acordando de uma longa hibernação, geleiras derretendo, placas tectônicas se movendo, proporcionando terremotos e tsunamis. Enquanto isso, marcamos nossas vidas olhando para aquele velho relógio de pêndulo que dá um número de badaladas conforme o número de horas do dia que passa. Aquele que tanto fascinou Descartes, em uma visão mecanicista do mundo. Tal máquina, que ditava nossos afazeres diários, a hora do trabalho, a hora de comer, a hora de dormir, a hora de levantar e até quanto tempo nos restaria para diversão, está antiquado, mesmo que ainda realize sua função. Sua função, entretanto, não revela o tempo presente.

Nós, insistindo em usar nossas roupas da infância, negamos abrir os olhos para as mudanças que os anos trazem, negamos o fato de estarmos dentro do rio heraclítico. Estamos em uma eterna e acelerada mudança. É como se estivéssemos nesse rio e víssemos chegar uma forte correnteza. Devemos decidir como sobreviver nessas águas. Não podemos tomar o relógio cartesiano como base; pode até funcionar, mas a correnteza do rio de que nos falou Heráclito, não pode ser dividida em partes. Ela é um todo, diferente do relógio.

Na visão mecanicista, o mundo acaba configurando uma coleção de objetos. Sendo assim, naturalmente interagem uns com os outros, a relação entre eles, todavia, acabando por ser secundária. Uma máquina não pode funcionar bem dessa forma, pois ela não é apenas uma junção de peças, é a interação de uma com a outra. Aquilo que

denominamos parte é apenas um padrão numa teia inseparável de relações, e esse padrão e essas relações é que permitem a máquina, funcionar.

Conclusão

Às vezes, ou quase sempre, nos esquecemos de que havia um todo; a parte parece tornar-se algo enorme e que existe fora de qualquer conjunto ou contexto, as nada está fora de nada, tudo está relacionado, tudo está em um contexto que se liga a outro.

Como seríamos, como seria nossa sociedade, nossa história, se nossa forma cultural de encarar o mundo não fosse tão unilateral, se não olhássemos apenas para frente, se conseguíssemos olhar em volta, se conseguíssemos olhar o que há ao nosso redor verdadeiramente dispostos a ver o que nos cerca? Teríamos chegado aonde chegamos? E, aonde chegamos, afinal?

O pensamento científico é, pois um campo aberto de hipóteses e não de certezas. Não a promessa inicial do século XIX de responder a uma série de questões medievais e encontrar solução para grandes mazelas da humanidade, como cura e explicação das doenças, solução para fome e a pobreza. Obviamente que tais promessas não se concretizaram na sua completude, entretanto, um notável desenvolvimento científico e tecnológico ocorreu.

O desenvolvimento tem dois aspectos. Por um lado, é o mito global em que as sociedades industriais atingem o bem-estar, reduzem as suas desigualdades extremas e proporcionam aos indivíduos o máximo de felicidade que uma sociedade pode dispensar. Por outro lado, é uma concepção redutora, em que o crescimento econômico é o motor necessário e suficiente de todos os desenvolvimentos sociais, psíquicos e morais. Essa concepção técnico-econômica ignora os problemas humanos da identidade, da comunidade, da solidariedade e da cultura. Assim, a noção de desenvolvimento continua gravemente subdesenvolvida. A noção de subdesenvolvimento é um produto pobre e abstracto da noção pobre e abstracta de desenvolvimento. (MORIN, 1995, p. 64)

Morin nos afirma que a máquina artificial se sobrepôs a máquina viva (MORIN, 1993, p.72-73), sendo esse o efeito do desenvolvimento cego e descontrolado da tecnociência que gerou o que o autor chama de agonia planetária:

A agonia planetária não é só a soma de conflitos tradicionais de todos contra todos, mais as crises de diversas espécies, mais os surgimentos de problemas novos sem solução, é um todo que se nutre desses ingredientes conflituosos, críscos, problemáticos, os engloba, os ultrapassa e torna a alimentá-los. (MORIN, 2010, p.98)

Heráclito nos adverte para o fato de que o homem não pode entrar num rio mais de uma vez, não apenas porque tal rio já não é o mesmo, mas porque ele, o homem, também mudou. Hoje, mudanças parecem ocorrer em uma velocidade bem mais acelerada, mas mesmo assim não notamos o tempo em que estamos inseridos e, desta forma, continuamos apegados a nossas vestimentas pueris. De tal modo igualmente pensamos que tudo permanece, que não há mudança. Estamos tão atarefados com a correria diária que nem sequer paramos para observar os fenômenos que nos cercam. Ou então, se os enxergamos, estamos tão assustados com o quê se mostra, diferentemente do habitual, que preferimos não pensar neles, fingindo que não ocorrem. Deixamos que “especialistas” se preocupem. Na contra-mão do pensamento usual, Morin esclarece:

A abertura, portanto, é necessária. Acontece que um olhar ingênuo de amator, alheio á disciplina, mesmo a qualquer disciplina, resolva um problema cuja solução era invisível dentro da disciplina. O olhar ingênuo - que não conhece, é obvio, os obstáculos que a teoria existente levanta contra a elaboração de uma nova visão - pode, em geral erradamente, mas às vezes com acerto, permitir-se essa visão. Assim, Darwin, por exemplo, era um amator esclarecido; Lewis Mumford tirou partido de sua falta de formação universitária especializada e até de sua falta de educação biológica, salvo por sua paixão pelos animais e sua coleção de coleópteros. E Mumford conclui: “Devido a essa ausência de fixação e inibição escolares, nada impedia o alerta de Darwin a cada manifestação do ambiente vivo”.Assim também, o meteorologista Wegener, ao olhar ingenuamente o mapa do Atlântico Sul, observou que o oeste da África e o Brasil ajustavam-se um ao outro. Retirando similares de fauna e de flora, fósseis e atuais, de ambos os lados do oceano, ele elaborou em 1912, a teoria do desvio dos continentes: por muito tempo refutada pelos especialistas, por ser “teoricamente impossível”, *undenkbar*, foi admitida cinquenta anos depois, principalmente com a descoberta da tectônica de placas. (MORIN, 2004, p. 106, - 107).

A crise é um processo complexo; para sobrevivermos a um momento gerado por fatores complexos, devemos pensar de maneira complexa. Compreender a idéia de crise dentro do pensamento moriniano é uma das chaves para adentrar em suas teorias, entendê-las. Assim, o pensamento complexo, modo de pensar em que baseia seu Método, seria o pensamento desse tempo de crise.

Referências

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1982. 447p.

CAPRA, Fritjof. *O tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1991. 260 p.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1996. 256p.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 128 p.

MORIN, Edgar. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 588 p.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 344 p.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2005. 120 p.

MORIN, Edgar. KAREH TAGER, Djénane. *Meu caminho: entrevistas com Djénane Kareh Tager*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 377 p.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2005. 118 p.

MORIN, Edgar. *Para onde vai o mundo?* Petrópolis: Vozes, 2010. 70 p.

MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 361p.

MORIN, Edgar. *Rumo ao abismo?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
190 p.

MORIN, Edgar. KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995. 189 p.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 115 p.